

Bancos ingleses acham que não havia alternativa

JADER DE OLIVEIRA

Correspondente

LONDRES — “Não há mesmo o que possamos fazer, há?”, comentou ontem uma fonte da City, ouvida pelo GLOBO sobre a última renovação das linhas de crédito de curto prazo, que começa a vigorar segunda-feira. O raciocínio dos banqueiros, de que “é melhor manter tais linhas ante a falta de alternativa”, vem sendo adotado com certa relutância pelos bancos menores. Mas todos sabem que, se é ruim ter um cliente que suspendeu parte dos compromissos desde

fevereiro, pior seria não financiá-lo em operações interbancárias, destinadas ao comércio.

E os bancos estão conscientes de que, se o desempenho do comércio brasileiro não for reabilitado, as perspectivas da normalização dos pagamentos devidos se tornarão mais distantes. Bancos menores, que não pensam assim, são vistos como menos responsáveis, na sua indiferença pela realidade brasileira.

Por outro lado, embora a City ainda esteja à espera dos detalhes, a notícia de que o Ministro da Fazenda,

Bresser Pereira, tenciona restabelecer os pagamentos após a apresentação de seu plano econômico, foi recebida com alívio. A explicação é simples: se os pagamentos forem reiniciados antes de 30 de junho, os bancos britânicos não terão de incluir no balancete semestral os resultados desfavoráveis das operações com o Brasil.

Os bancos demonstram igual interesse pelo plano econômico que está sendo elaborado por saber que de seu sucesso poderá depender o futuro das suas relações com o Brasil.